



Grandes pensadores

UM PANORAMA DAS MAIS IMPORTANTES IDEIAS PARA LIDAR
COM OS PRINCIPAIS PROBLEMAS DE NOSSO TEMPO



Grandes pensadores



Grandes pensadores

UM PANORAMA DAS MAIS IMPORTANTES IDEIAS PARA LIDAR
COM OS PRINCIPAIS PROBLEMAS DE NOSSO TEMPO



Título original: *Great Thinkers*

Copyright © 2016 por The School of Life
Copyright da tradução © 2018 por GMT Editores Ltda.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser
utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes
sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Beatriz Medina

preparo de originais: Rafaella Lemos

revisão: Luís Américo e Silvia Rebello (BR75)

projeto gráfico: FLOK, Berlim

ilustrações: Stuart Patience

adaptação de projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Natali Nabekura

impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S394g

The School of Life

Grandes pensadores / The School of Life ; tradução Beatriz
Medina. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Sextante, 2023.

352 p. ; 23 cm.

Tradução de: Great thinkers

ISBN 978-65-5564-560-6

1. Intelectuais - Visão política e social. 2. Cultura - Aspectos
sociais. 3. Filosofia. 4. Sociologia. I. Medina, Beatriz. II. Título.

23-82290

CDD: 306

CDU: 316



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
GMT Editores Ltda.
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@sextante.com.br
www.sextante.com.br

Sumário

Introdução	7
Filosofia	11
Platão	12
Aristóteles	18
Os estoicos	23
Epicuro	28
Santo Agostinho	32
São Tomás de Aquino	36
Michel de Montaigne	41
La Rochefoucauld	46
Baruch Spinoza	50
Arthur Schopenhauer	55
Georg Hegel	60
Friedrich Nietzsche	66
Martin Heidegger	71
Jean-Paul Sartre	76
Albert Camus	81
Teoria política	87
Nicolau Maquiavel	88
Thomas Hobbes	92
Jean-Jacques Rousseau	96
Adam Smith	100
Karl Marx	105
John Ruskin	114
Henry David Thoreau	120
Matthew Arnold	126
William Morris	131
John Rawls	136
Filosofia oriental	141
Buda	142
Lao-Tsé	146
Confúcio	152
Sen no Rikyū	157
Matsuo Bashō	160

Sociologia	165
São Bento	166
Alexis de Tocqueville	172
Max Weber	182
Émile Durkheim	189
Margaret Mead	195
Theodor Adorno	202
Rachel Carson	207
Psicologia	213
Sigmund Freud	214
Anna Freud	222
Melanie Klein	229
Donald Winnicott	233
John Bowlby	239
Arte e Arquitetura	245
Andrea Palladio	246
Johannes Vermeer	252
Caspar David Friedrich	257
Henri Matisse	262
Edward Hopper	266
Oscar Niemeyer	272
Louis Kahn	277
Coco Chanel	281
Jane Jacobs	286
Cy Twombly	293
Andy Warhol	297
Dieter Rams	303
Christo e Jeanne-Claude	310
Literatura	315
Jane Austen	316
Johann Wolfgang von Goethe	322
Liev Tolstói	330
Marcel Proust	336
Virginia Woolf	342
Créditos	348

Introdução

Este livro reúne o cânone de *The School of Life*: é nossa seleção dos grandes pensadores nos campos da filosofia, da teoria política, da sociologia, da psicanálise, das artes plásticas, da arquitetura e da literatura que consideramos ter mais a nos oferecer nos dias de hoje.

A ideia de montar um “cânone” pode parecer meio estranha, talvez até opressiva. Parece injusto deixar tanta gente de fora. E, aliás, quem decide? Será que as pessoas que fizeram o cânone não foram tendenciosas?

Admitimos com satisfação que fomos tendenciosos, sim. Por vezes nos ensinaram a pensar mal disso, como se as únicas informações boas fossem as que não trazem absolutamente nenhuma intenção nem desígnio e deixam tudo a cargo do público. Essa ênfase na neutralidade é compreensível. Em termos históricos, sobretudo no século XX, houve muitas tendências ruins por aí. Mas, em última análise, acreditamos que a meta não é ser completamente imparcial, mas apresentar tendências “boas”, ou seja, que favoreçam uma seleção de pensadores que nos apontem ideias valiosas e importantes. Em *The School of Life*, temos uma forte inclinação a favor da inteligência emocional e do uso da cultura como ferramenta de conforto e esclarecimento.

Temos algumas opiniões bastante específicas sobre o que coloca alguém na categoria de “grande” pensador. Em geral, grandes pensadores são incluídos em obras enciclopédicas com base em sua reputação: faz-se uma lista dos nomes mais influentes e das ideias que moldaram de forma mais memorável o mundo intelectual. No entanto, temos em mente um objetivo diferente: queremos descobrir quais ideias nos ajudam a lidar com alguns dos principais problemas de nossa época. Para nós, o “grande” pensador é aquele cujas ideias têm maior probabilidade de serem úteis para nossa vida hoje.

Por ser necessariamente muito seletivo, um cânone está sempre vulnerável a ataques. Porém temos uma visão otimista da seleção, que é uma necessidade simplesmente inescapável num mundo rico em informações. O ideal

não é evitar sermos seletivos; o real desafio é tentarmos ser seletivos da melhor maneira possível. Aos nossos olhos, isso significa escolher pensadores que possam esclarecer algumas das maiores dificuldades que enfrentamos em nossa vida política, profissional e pessoal. Não somos historiadores que recuperam ideias pelas ideias; somos filósofos aplicados buscando conceitos intelectuais que possam ser colocados em ação aqui e agora.

Trabalhamos muito para fazer os pensadores deste livro soarem simples, fáceis e (esperamos) fascinantes. No passado, muitos deles foram presos numa armadilha cruel. Eles tinham a dizer coisas imensamente relevantes e importantes. Mas o *modo* como o fizeram garantiu que não fossem ouvidos. Como seus livros eram um pouco densos demais, algumas de suas ideias soaram estranhas e muitos dos seus conceitos fundamentais ficaram sujeitos a se perder em meio a uma confusão de informações secundárias. Eis os princípios que usamos para selecionar as ideias de cada pensador que consideramos mais importantes:

- Apenas umas poucas coisas ditas por qualquer mente, por maior que seja, têm alguma probabilidade de ter importância crucial e duradoura.
- Esses pontos-chave são separáveis do corpo completo da obra de um pensador.
- Somos criaturas dadas ao esquecimento e sujeitas à pressão do tempo. Tendemos a esquecer os detalhes tortuosos de uma discussão prolongada e complexa. Assim, precisamos que as mensagens centrais sejam explicadas de forma simples e memorável.
- Apesar do que nos diz a cultura acadêmica, o contexto não é decisivo. Verdades importantes podem ser encontradas em lugares estranhos e ser retiradas deles; podem estar na China do século III, num salão aristocrático de Paris do século XVIII ou na casinha de uma aldeia alpina do século XIX. Porém o que sempre importa no final é o que elas podem fazer por nós hoje.
- É um paradoxo trágico que certas maneiras de mostrar reverência pelos grandes pensadores acabem impedindo que eles tenham algum impacto no mundo – o extremo oposto do que uma reverência busca obter. Ser um pouco informal com os grandes pensadores é a maior homenagem que podemos prestar a eles.

- Nosso fio condutor é o de que grandes ideias deveriam ser amplamente conhecidas e desempenhar um papel em nossa vida.

Dito isso, reconhecemos que há um receio justificado em relação à “simplificação”. Esse receio – alimentado pelo mundo acadêmico – é de que, ao simplificar, iremos inevitavelmente trair e omitir o que realmente importa. Entendemos essa ansiedade, mas não queremos deixá-la triunfar, pois também temos consciência do perigo de lhe dar ouvidos em excesso. A complexidade desnecessária pode fazer com que boas ideias sejam totalmente ignoradas. Achamos que as verdades importantes sobre como deveríamos levar a vida são capazes de receber uma formulação popular. Somos contra a visão trágica de que o que é importante está condenado a ser sempre impopular ou incompreensível para a maioria dos cidadãos.

A popularização, sob nosso ponto de vista, é uma tarefa nobre e grandiosa, principalmente num mundo democrático voltado aos consumidores, onde a cultura de elite mais ou menos perdeu influência. É isso que torna reais as ideias na vida de uma sociedade. E, de qualquer modo, nossa vida nunca é inteiramente livresca ou intelectual. Somos sempre impelidos por pensamentos objetivos que sirvam como guias para nossa conduta e, em certa medida, dependemos deles. São essas as ideias que importam para o desenvolvimento cotidiano de uma comunidade. O preciosismo pode ser a ruína dos melhores conceitos.

Até hoje, o mundo moderno deixou o estudo e a transmissão das ideias culturais principalmente a cargo dos departamentos de humanidades das universidades. Seu foco principal tem sido tentar entender o valor dos grandes pensadores em si e por si. Aqui, de modo um tanto herético, fazemos algo bem diferente: queremos saber o que eles podem fazer por *nós*.

Garimpamos a história para trazer a você as ideias que consideramos ter maior relevância para o nosso tempo. Teremos sido bem-sucedidos se, nos dias e anos por vir, você se flagrar recorrendo a elas para esclarecer os dilemas e as tristezas da vida cotidiana.

Filosofia

Platão

c.428-c.348 a.C.

Atenas, 2.400 anos atrás. É um lugar compacto, cerca de 250 mil pessoas moram ali. Há belos banhos públicos, teatros, templos, mercados com arcadas e ginásios. A arte prospera, a ciência também. É possível conseguir peixes excelentes no porto do Pireu. Faz calor durante mais da metade do ano.

Esse também é o lar do primeiro filósofo verdadeiro – e provavelmente o maior – do mundo: Platão.

Nascido numa família rica e proeminente da cidade, Platão dedicou a vida a um só objetivo: ajudar as pessoas a atingirem um estado que chamava de εὐδαιμονία, ou *eudaimonia*.

Essa palavra grega peculiar e fascinante é um pouco difícil de traduzir. Quase significa “felicidade”, mas na verdade está mais próxima de “satisfação”, porque “felicidade” sugere uma alegria efusiva contínua, enquanto “satisfação” é mais compatível com períodos de grande dor e sofrimento – que parecem ser parte inevitável até mesmo de uma vida boa.



Como Platão propunha tornar as pessoas mais satisfeitas? Quatro ideias centrais se destacam em sua obra:

1. Pense mais

Platão propunha que, em grande medida, nossa vida dá errado porque quase nunca dedicamos o tempo necessário a pensar meticulosa, suficiente e logicamente sobre nossos planos. Então acabamos tendo valores, carreiras e relacionamentos errados. Platão queria trazer ordem e clareza à nossa mente.

Ele observou que muitas das ideias que temos provêm do que a maioria das pessoas pensa – o que os gregos chamavam de “doxa” e nós chamamos de “senso comum”. E repetidamente, nos 36 livros que escreveu, Platão demonstrou que o senso comum está eivado de erros, preconceitos e superstições. Ideias populares sobre amor, fama, dinheiro e bondade simplesmente não passam pelo crivo da razão.

Platão também notou como as pessoas se orgulhavam de ser guiadas pelos próprios instintos ou paixões (tomando decisões impulsivas com base apenas “na maneira como se sentiam”) e comparou essa situação a ser perigosamente arrastado por uma parelha de cavalos selvagens vendidos.

Como Freud ficou satisfeito em reconhecer, Platão foi o inventor da terapia, insistindo que aprendêssemos a submeter todos os nossos pensamentos e sentimentos à razão. Como escreveu várias vezes, a essência da filosofia se resume a um comando: γνῶθι σεαυτόν – “conheça a si mesmo”.

2. Ame com mais sabedoria

Platão é um dos grandes teóricos dos relacionamentos. Seu livro *O banquete* é uma tentativa de explicar o que o amor realmente é. Nele conta-se a história de um jantar oferecido por Agatão, um belo poeta, que convida um grupo de amigos para comer, beber e falar sobre o amor.

Os convidados têm opiniões diferentes sobre o que é o amor. Platão atribui a seu velho amigo Sócrates – um dos principais personagens desse e de todos os seus livros – uma teoria muito útil e interessante. É mais ou menos assim: quando você se apaixona, o que realmente acontece é que vê na outra pessoa alguma boa qualidade que você não tem. Talvez o outro se mantenha calmo quando você fica agitado; ou seja disciplinado, enquanto você é bagunçado; ou seja eloquente, enquanto você tem dificuldade em se expressar.

A fantasia por trás do amor é a de que, ao se aproximar da outra pessoa, você pode vir a ser um pouco como ela é. Ela pode ajudá-lo a realizar o seu pleno potencial.

Aos olhos de Platão, o amor é essencialmente um tipo de educação: você não poderia realmente amar alguém se não quisesse ser aperfeiçoado por esse alguém. O amor deveria se resumir a duas pessoas tentando amadurecer juntas – e ajudando uma à outra a crescer. Isso significa que você precisa se unir a alguém que contenha um pedacinho fundamental que falta à sua evolução: as virtudes que você não tem.

Hoje em dia isso soa esquisitíssimo, pois, em nossa interpretação, tendemos a achar que amar é encontrar alguém perfeito exatamente como é. No calor das discussões, os amantes às vezes dizem um ao outro: “Se você me amasse de verdade, não tentaria me mudar.”

Platão pensa de forma diametralmente oposta. Ele quer que entremos nos relacionamentos de um modo muito menos combativo, com menos orgulho. Deveríamos aceitar que estamos em construção e permitir que nossos amantes nos ensinem algumas coisas. Um bom relacionamento tem que significar que não amaremos o outro exatamente como ele é. Trata-se de comprometer-se a ajudar o outro a se tornar a melhor versão de si mesmo, de suportar os períodos tempestuosos que isso inevitavelmente envolve e de não resistir às tentativas do outro para nos aperfeiçoar.

3. A importância da beleza

Praticamente todo mundo gosta de coisas bonitas. Mas costumamos considerar um pouco misterioso o poder que elas exercem sobre nós e, numa perspectiva mais ampla, achar que a beleza não é algo tão importante assim.

Porém Platão sugeria que importa muito o tipo de casa, templo, panela ou escultura que temos à nossa volta.

Ninguém antes dele havia feito a pergunta fundamental: por que gostamos de coisas bonitas? E Platão encontrou uma razão fascinante: isso acontece porque reconhecemos nelas uma parte do “bem”.

Existem muitas coisas boas a que aspiramos ser: bondosos, gentis, harmoniosos, equilibrados, calmos, fortes, dignos. Essas são qualidades das pessoas. Mas também são qualidades dos objetos. Ficamos comovidos e emocionados quando encontramos nos objetos as qualidades de que precisamos e que faltam em nossa vida.

Portanto os objetos belos têm uma função importantíssima. Eles nos

convidam a evoluir em sua direção, a nos tornarmos como eles são. A beleza pode educar a alma.

E isso implica que a feiura também é coisa séria, pois desfila diante de nós características perigosas e corrompidas. Ela nos estimula a ser como ela é – descuidada, caótica, grosseira –, tornando muito mais difícil ser sábio, bondoso e calmo.

Platão considera a arte terapêutica: é dever dos poetas e pintores (e, hoje, de romancistas, produtores de televisão e designers) nos ajudar a ter uma vida boa.

Ele acreditava na censura das artes. Não é o paradoxo que parece. Se os artistas podem nos ajudar a viver bem, infelizmente também podem dar prestígio e um ar de glamour a atitudes e ideias imprestáveis. O fato de alguém ser um artista não garante que o poder da arte será usado sabiamente.

É por isso que Platão acreditava que os artistas deveriam trabalhar sob o comando de filósofos que lhes dariam as ideias certas e lhes pediriam que as tornassem convincentes e populares. A arte deveria ser um tipo de propaganda – ou publicidade – do bem.

4. Mudando a sociedade

Platão passou muito tempo pensando em como o governo e a sociedade idealmente deveriam ser. Ele foi o primeiro pensador utópico do mundo.

Nisso, inspirou-se na grande rival de Atenas: Esparta. A cidade era uma verdadeira máquina de produzir excelentes soldados. Tudo que os espartanos faziam – o modo de criar os filhos, a organização da economia, as pessoas que admiravam, o modo de fazer sexo, o que comiam – tinha em vista esse único objetivo. E Esparta era imensamente bem-sucedida do ponto de vista militar.

Mas não era com isso que Platão estava preocupado. Ele queria saber como uma sociedade poderia ser eficiente não em produzir soldados, mas *eudaimonia*. Como confiavelmente ajudar as pessoas na direção da satisfação?

No livro *A república*, Platão identifica algumas mudanças que deveriam ser feitas:

a. Precisamos de novos heróis

A sociedade ateniense dedicava muito prestígio aos ricos, como o aristocrata decadente Alcibíades, e às celebridades do esporte, como o lutador Mílon de Crotona. Nada disso impressionava Platão; é importante saber

bem quais pessoas admiramos, pois as celebridades influenciam nossa mentalidade, nossas ideias e nossa conduta. E heróis ruins dão um ar de glamour a falhas de caráter.

Portanto Platão queria dar a Atenas novas celebridades e substituir a safra da época por pessoas idealmente sábias e boas, a quem chamava de “guardiões”: exemplos de conduta para o bom desenvolvimento de todos. Essas pessoas se distinguiam por seu histórico de serviços prestados ao público, pelo recato, pelos hábitos simples, pelo desagrado com as luzes da fama e pela experiência ampla e profunda. Seriam as pessoas mais homenageadas e admiradas da sociedade.

b. Precisamos de censura

Hoje a censura nos deixa apreensivos. Porém Platão tinha medo do tipo errado de liberdade: Atenas era um território livre para os piores vendedores de opiniões. Noções religiosas malucas e ideias enganosamente boas (mas na verdade perigosas) sugavam o entusiasmo das massas e levavam Atenas a governos desastrosos e guerras desaconselháveis (como um fatídico ataque a Esparta).

Para Platão, a exposição constante a uma tempestade de vozes confusas é péssima para nós, razão por que ele queria limitar as atividades de oradores públicos e pregadores perigosos. Hoje em dia, ele veria com maus olhos o poder dos meios de comunicação de massa.

c. Precisamos de uma educação melhor

Platão acreditava apaixonadamente na educação, mas queria reformar a grade curricular. O principal não é aprender apenas matemática ou ortografia, mas a sermos bons: precisamos aprender a ter coragem, autocontrole, sensatez, independência e calma.

Para colocar isso em prática, Platão fundou em Atenas uma escola chamada Academia, que prosperou durante mais de 400 anos. As pessoas iam para lá simplesmente aprender a viver e morrer bem.

É fascinante e mesmo triste que as modernas instituições acadêmicas tenham banido essa ambição. Se um estudante aparecesse na Universidade de Oxford ou em Harvard querendo aprender a viver, os professores chamariam a polícia – ou o hospício.

d. Precisamos de uma infância melhor

As famílias fazem o melhor que podem. E às vezes as crianças dão sorte.

Os pais são equilibrados, bons mestres, confiáveis, maduros e sábios. Mas é muito comum que os pais transmitam aos filhos suas confusões e seus defeitos.

Platão achava que criar bem os filhos era uma das habilidades mais difíceis (e mais necessárias) de aprender. Ele era extremamente solidário à criança cujo desenvolvimento é afetado pelo ambiente doméstico errado.

Assim, propunha que, na verdade, seria melhor para muitas crianças aprender a ver a vida não com os próprios pais, mas com guardiões sábios e pagos pelo Estado. Ele recomendava que uma porção considerável da geração seguinte fosse criada por pessoas mais qualificadas que os próprios pais.

Conclusão

As ideias de Platão continuam profundamente fascinantes e provocadoras. O que as une são a ambição e o idealismo. Ele queria que a filosofia fosse uma ferramenta para nos ajudar a mudar o mundo. Deveríamos continuar nos inspirando em seu exemplo.

Aristóteles

384-322 a.C.

Aristóteles nasceu em meados de 384 a.C., no antigo reino grego da Macedônia, onde seu pai era médico real. Ele cresceu e se tornou o filósofo mais influente que já existiu, com apelidos modestos como “o mestre” ou simplesmente “o filósofo”. Uma de suas maiores realizações foi ser o tutor de Alexandre, o Grande, que pouco depois de receber suas orientações saiu numa jornada para conquistar todo o mundo conhecido.

Aristóteles estudou em Atenas, trabalhou vários anos com Platão e depois seguiu o próprio caminho. Fundou um centro de pesquisa e ensino chamado Liceu. As escolas secundárias francesas, chamadas de *lycées*, receberam o nome em homenagem a esse empreendimento. Ele gostava de andar enquanto ensinava e discutia ideias. Seus seguidores eram então conhecidos como peripatéticos (errantes). Seus vários livros são, na verdade, anotações de aulas.

Aristóteles era fascinado pelo modo como as coisas funcionam. Como um embrião de galinha se desenvolve dentro do ovo? Como a lula se reproduz? Por que uma planta cresce bem num lugar, mas não em outro?



E, o mais importante, o que faz a vida humana e a sociedade como um todo correrem bem? Para Aristóteles, a filosofia tratava da sabedoria prática. Eis quatro grandes questões filosóficas a que respondeu:

1. O que torna as pessoas felizes?

Em *Ética a Nicômaco* – que recebeu esse nome porque foi organizado por seu filho Nicômaco –, Aristóteles se entregou à tarefa de identificar os fatores que levavam as pessoas a terem uma vida boa ou não. Ele sugeriu que todas as pessoas boas e bem-sucedidas têm virtudes bem definidas e propôs que deveríamos nos aperfeiçoar em identificar essas virtudes para podermos cultivá-las em nós e honrá-las nos outros.

Aristóteles também observou que toda virtude parece estar bem no meio entre dois vícios, ocupando o meio-termo entre dois extremos de caráter. Por exemplo, no quarto livro de sua *Ética*, sob o título encantador de “Virtudes e vícios conversacionais”, Aristóteles examina de que modo as pessoas são melhores ou piores ao conversarem umas com as outras – bufonaria, sagacidade, grosseria.

Aristóteles reconhecia que saber manter uma boa conversa é um dos ingredientes principais da vida boa. Alguns erram por lhes faltar um senso de humor sutil; esse é o chato, “inútil para qualquer espécie de intercâmbio social, pois em nada contribui e em tudo acha razão para se ofender”. Mas outros levam o humor ao excesso: “o bufão não consegue resistir a uma piada e não poupa a si mesmo nem aos outros, dizendo coisas que um homem de tato jamais sonharia falar.” Assim, o virtuoso é quem fica no meio-termo: alguém que é espirituoso mas tem tato.

Num exame fascinante de personalidades e comportamentos, Aristóteles analisa “a deficiência”, “o excesso” e “o meio-termo” em relação a uma série de virtudes. Não podemos mudar nosso comportamento de uma hora para outra em nenhuma dessas áreas, mas a mudança é possível com o tempo. O bem moral, diz Aristóteles, é um resultado do hábito. Exige tempo, prática, incentivo. Assim, Aristóteles acha que uma pessoa a quem faltem virtudes deveria ser considerada desafortunada, não perversa. Ela não precisa passar por descomposturas nem ser jogada na prisão, mas encontrar professores melhores e ter mais orientação.

2. Para que serve a arte?

Na época de Aristóteles, a arte campeã de público era a tragédia. Os atenienses assistiam a peças violentas em festivais que eram realizados

em imensos teatros ao ar livre. Ésquilo, Eurípides e Sófocles eram nomes conhecidos por todos. Aristóteles escreveu um manual sobre como criar boas peças: a *Poética*. Esse livro está repleto de ótimas dicas. Por exemplo: ao escrever uma peça, não podemos esquecer de incluir *peripécias*, mudanças da fortuna nas quais, para o herói, a situação passa de ótima a horrível. Nem da *anagnórise*, o momento da revelação dramática em que o herói de repente reconhece que sua vida está indo por um caminho muito errado e que é, de fato, uma *catástrofe*.

Mas para que realmente serve a tragédia? Por que razão uma comunidade inteira se reúne para assistir às coisas horríveis que acontecem aos protagonistas? Édipo, na peça de Sófocles, mata o próprio pai sem querer, se casa com a mãe, descobre que fez tudo isso e arranca os olhos por remorso e desespero. A resposta de Aristóteles é a *catarse*, um tipo de purificação: a gente se livra de algo ruim. Nesse caso, purificação das emoções – especificamente de nossa confusão em torno dos sentimentos de medo e piedade.

TABELA DE VIRTUDES E VÍCIOS

ESFERA DA AÇÃO E DA EMOÇÃO	EXCESSO	MEIO-TERMO	DEFICIÊNCIA
Medo e confiança	Temeridade <i>thrasytēs</i>	Coragem <i>andreia</i>	Covardia <i>deilia</i>
Prazer e dor	Licenciosidade <i>akolasia</i>	Temperança <i>sōphrosynē</i>	Insensibilidade <i>anaisthēsia</i>
Ganhos e gastos (menor)	Prodigalidade <i>asōtia</i>	Liberalidade <i>eleutheriotēs</i>	Iliberalidade <i>aneleutheria</i>
Ganhos e gastos (maior)	Vulgaridade <i>apeirokalia</i> , <i>banausia</i>	Magnificência <i>megaloprepeia</i>	Mesquinhez <i>mikroprepeia</i>
Honra e desonra (maior)	Vaidade <i>chaunotēs</i>	Magnanimidade <i>megalopsūchia</i>	Pusilanimidade <i>mikropsūchia</i>
Honra e desonra (menor)	Ambição <i>philotimia</i>	Ambição adequada	Falta de ambição <i>aphilotimia</i>
Raiva	Irascibilidade <i>orgilotēs</i>	Paciência <i>prōtēs</i>	Falta de ânimo <i>aorgēsia</i>
Autoexpressão	Jactância <i>alazoneia</i>	Veracidade <i>alētheia</i>	Autodepreciação <i>eirōneia</i>
Conversação	Bufonaria <i>bōmolochia</i>	Sagacidade <i>eutrapelia</i>	Grosseria <i>agroikia</i>

ESFERA DA AÇÃO E DA EMOÇÃO	EXCESSO	MEIO-TERMO	DEFICIÊNCIA
Conduta social	Obsequiosidade <i>areskeia</i> Lisonja <i>kolakeia</i>	Amistosidade <i>philia</i> (?)	Mau humor <i>duskolia</i> (<i>duseris</i>)
Vergonha	Timidez <i>kataplēxis</i>	Recato <i>aidōs</i>	Falta de vergonha <i>anaishuntia</i>
Indignação	Inveja <i>phthonos</i>	Indignação justa <i>nemesis</i>	Diversão maliciosa <i>epichairekakia</i>

Costumamos encontrar problemas nessa área: temos o coração duro, não demonstramos piedade quando ela é merecida e tendemos a exagerar o medo ou a não ficar suficientemente amedrontados. A tragédia nos lembra que coisas terríveis podem acontecer a pessoas decentes, inclusive a nós. Uma pequena falha pode representar a destruição de uma vida inteira. Portanto deveríamos ter mais piedade e compaixão daqueles que cometem ações desastrosas. Precisamos reaprender, coletiva e regularmente, essas verdades fundamentais. A tarefa da arte, do ponto de vista de Aristóteles, é fazer as verdades profundas da vida permanecerem vivas em nossa mente.

3. Para que servem os amigos?

Nos livros 8 e 9 da *Ética a Nicômaco*, Aristóteles identifica três tipos de amizade. Há aquela que surge quando as pessoas estão buscando diversão e seu principal interesse é o próprio prazer e a oportunidade do momento, que o outro oferece. Também há amizades que, na verdade, são contatos estratégicos, em que as pessoas têm prazer com a companhia do outro apenas na medida em que têm esperança de se aproveitar disso.

E há o amigo verdadeiro. Não é alguém que simplesmente se parece com você; é alguém que não é você, mas com quem você se preocupa tanto quanto se preocupa consigo mesmo. As tristezas do verdadeiro amigo são suas. As alegrias dele são suas. Isso deixa você mais vulnerável, caso algo aconteça a essa pessoa. Mas também é imensamente fortalecedor. Você se alivia da pequenez de seus próprios pensamentos e preocupações e se expande em direção à vida do outro. Juntos, vocês ficam maiores, mais inteligentes, mais resilientes, mais justos. Vocês compartilham as virtudes e anulam os defeitos um do outro. A amizade nos ensina o que devemos ser. De forma praticamente literal, é a melhor parte da vida.

4. Como transmitir ideias num mundo tão agitado?

Como muita gente, Aristóteles se espantava com o fato de que o melhor argumento nem sempre vence o debate nem ganha apoio popular. Ele queria saber por que isso acontece e o que fazer para resolver. Para tal, teve muitas oportunidades de observação. Em Atenas, muitas decisões eram tomadas em assembleias públicas, geralmente na Ágora, a praça da cidade, e os oradores competiam entre si para influenciar a opinião popular.

Aristóteles mostrou que plateias e indivíduos são influenciados por muitos fatores, sem se ater estritamente à lógica e aos fatos em questão. É enlouquecedor e muita gente séria não suporta esse fato, por isso evita o espaço público e o debate popular. Aristóteles era mais ambicioso. Ele inventou o que até hoje chamamos de retórica: a arte de fazer os outros concordarem conosco. Ele queria que pessoas ponderadas, sérias e bem-intencionadas aprendessem a ser convincentes, a atingir aqueles que ainda não concordavam com elas.

Ele aponta algumas questões atemporais: é preciso apaziguar o medo dos outros, é preciso ver o lado emocional da questão – o orgulho de alguém está em jogo?; alguém está constrangido? – e então contorná-lo. É preciso fazer graça, porque o tempo de atenção é curto, e talvez seja necessário usar exemplos e ilustrações para dar vida à sua posição.

Somos alunos atentos de Aristóteles. Hoje, a filosofia não nos parece a mais prática das atividades, talvez porque, recentemente, não tenhamos dado atenção suficiente a este grande pensador.

CONHEÇA OS TÍTULOS DA
COLEÇÃO THE SCHOOL OF LIFE

Calma

Relacionamentos

Grandes pensadores

Um trabalho para amar

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Sextante,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

sextante.com.br

